

Decolonialidade em Conceição Lima: poesia de resistência africana de expressão Portuguesa

Edimilson Moreira Rodrigues*

Aqui reside o útero da vida e o umbigo do mundo.
Paulina Chiziane

Introdução

As representações literárias femininas tecidas na África de expressão portuguesa apresentam a terra e a nação associadas a elementos que, como o feminino, também carecem de libertação; e, na pele da escrita, sua *escrivivência*, artefato das lutas e do histórico-social, dão-nos a denúncia do canto, com adornos e cicatrizes, como espaço fulcral de memórias das atrocidades do colonialismo português.

A práxis poética de Conceição Lima se desvencilha dos limites da servidão oficial e ruma, na maturação da palavra política, ao insidioso jogo de ressignificação da África, com o pendor documental do texto literário que, nas entranhas do social, com forte carga expressiva, explora os espaços de forma sensível à busca de outros saberes.

Sua polivalente insistência, na concepção do verbo-poesia, é similar à concepção do humano: uma poesia que perscruta o trânsito de culturas, que decalca a errância do saber africano nas linhas do texto, que ampara e edifica o ser no memorial da palavra, fazendo da poesia um instrumento de metáforas inusitadas “[...] emergiremos do canto/ como do chão emerge o milho jovem” (LIMA, 1987)¹.

O humano é lucidamente impresso na escrita: ser em estado de gestação de sonhos, elo que direciona – verbo e humano – às outras margens, sempre ciente do

* Doutor em Estudos de literatura pela UFF, Mestre em Políticas Públicas UFMA, Professor da UFMA Campus São Bernardo MA, no Curso de Linguagens e Códigos e colaborador no Curso de Licenciatura em Estudos Africanos e Afro-brasileiro da UFMA Campus São Luis (Dom Delgado).
E-mail: em.rodrigues@ufma.br

¹ Os textos de Conceição Lima, doravante apenas marcados pelo sobrenome e ano, são dos Fragmentos poéticos de Sonha Mamana África, de Cremilda de Araújo Medina (1987, p. 227-228).

centro africano, que, por isso, é bivalente porque se estrutura na escrita como forma de tradução de si e de outros, qual “obstinado peregrino” (LIMA, 1987).

As representações literárias femininas “servem”, sem dúvida, para dar a ideia, não apenas da extensão que tomaram as produções literárias femininas nas últimas décadas, mas revelar elementos que declaram o escombro social no qual estiveram inseridos, homens e mulheres, ao longo da “noite grávida de punhais” do colonialismo português (MARTINS apud ANDRADE, 1975, p. 234).

Nesse complexo instrumento que se apresenta à inteligência humana, o literário, transfigurando-se em imagens amplas e diversas de um mesmo plano social: quem cede ao primor da denúncia, engravida imagens da partilha e do aprendizado coletivo; o aliciado, ao horror da escravidão, é violentado com imagens que repetem personalidades antípodas ao seu imaginário de aprendizado coletivo; o que explora, em secretas volições, em obscuros instintos e enigmáticos recalques, cristaliza fetos, em abortos coletivos contrários à experiência vital.

Não estão, pois, os poetas, alheios a essas experiências sociais. Coadunam, como a imagem primeira da maternidade, a forma orgânica do tecido social, como forma do literário tecido.

Eles buscam a unidade do devir social que habita na variedade do dizer literário, com aprimorada conciliação dos opostos. “Ainda aqui e sempre aqui” (LIMA, 1987), porque a presença de referenciais coloniais de opressão é marca de contestação, idiossincrática, da escritora africana – “transitório é este tempo que te divide”, pois, “transitória a noite que à noite sucede/ sem te veres” (LIMA, 1987).

Nessa mobilidade diaspórica, o texto traduz os monumentos com a cor e a alegria do aprendizado festivo feminino habitando corpo e pátria, da mulher-poeta em semente-mátria, com metáforas que ainda fecundam o ventre de ambas. daquelas que dominam a arte da palavra e são aliciadas ao domínio da maternidade.

A grafia do corpo feminino é similar à grafia do *corpus* poético. Ambas são conduzidas, no processo de sedução (conduzidas através: *se-ducere* – conduzir ao desvio, mudar a direção) à travessia da vida: quem escreve, decalca sonhos, quem engravida, torna visível sonhos decalcados.

Posto assim, a poeta, na pele da mulher, particulariza o individual no discurso do social. Suas poéticas – humano e grafo – são instrumentos viscerais da liberdade corporal e grafológica. Aquele liberta desejos (ainda que abortados, como em alguns casos de África) de coletivização da escrita, do saber que hiberna na vida social; este

aloja homens e mulheres na práxis da leitura que liberta para a vida social: o sonho diurno africano.

As imagens, em Conceição Lima, albergam modulações do feminino que germinam como vestígios amargos – “E na dura travessia do deserto/ Aprendemos que a terra prometida era aqui” (LIMA, 1987), através do texto cerzido com linhas da “memória subterrânea” (POLLAK apud SOARES, 2015, p. 32).

Objetivamos assim – desde a poesia feminina africana, insulada no entre dois – demonstrar como a resistência feminina, albergada no útero do texto poético de Conceição Lima, poeta santomense, expele, qual um novo rebento, novos itinerários em trânsitos diaspóricos ressignificados – “Perdi-me na linearidade das fronteiras” (LIMA, 2012, p. 14).

Indubitavelmente, pretendemos comentar alguns excertos poéticos dessa produção literário, com diálogos intertextuais, com a força propiciadora de tensões que, a escrita-leitura poética e a investigação hermenêutica, permitem.

Revelando, assim, nossa análise, elementos culminantes e centrais à percepção estético-literária de Conceição Lima. Incursionamos, pois, à busca da concepção literária e humana – concatenada à raiz ancestral e ao sentimento heterogêneo de origem, umedecidos, texto e identidade (cultural, linear, genealógica), na tessitura reflexiva e concepcional do instrumento literário.

Primeira concepção – no útero da terra

O pensador Ricciardi (1971, p. 80) nos orienta que “[...] o escritor é, pois, um criador, mas ao mesmo tempo, a sua obra está, toda ela, mergulhada no momento histórico que a origina”. A citação nos permite esse diálogo e a continuação dele em segurança ao que estamos defendendo.

A escrita de Conceição nos permite estudá-la como um ser social, cuja obra se revela como fonte primeira dos caminhos da pesquisa, doando pistas linguísticas para desvendar os meandros da sociedade santomense e, indubitavelmente, a africana, no período que antecede a libertação e parte do pós-independência.

No entanto, aqui a pesquisa revisita os símbolos da terra-casa, útero-criação, germinação-poesia, fecundação-liberdade; criados pelo escritor, como metáforas de caminhos inventados, no único espaço seguro para ele: a poesia. Posto que a poesia é “Nascente veia, profundo ventre” (LIMA, 2012, p. 16).

A poesia de Lima nos permite entendê-la como a celebração do amor que convida ao banquete da ancestralidade, com o fulgor revolucionário da redescoberta, o ardor da necessária mudança apreendida nas incursões da palavra terra, pois nos permite recuperar traços e marcas, culturas vincadas há séculos que ainda dialogam com as experiências de sua individualidade. Daí afirmamos com Ferreira (1987, p. 94) que,

E a “metáfora da esperança”, em Conceição Lima, é como revelar os compromissos do corpo feminino que se consorciam ao das palavras que colhem frutos, semeiam vidas, e, como todo fazer poético, colhem vidas e semeiam frutos na lavoura da terra em multiplicidade de imagens.

E, ademais, o corpo feminino, instrumento de outras lavouras, assemelha-se ao arado que sulca o solo, não para edificar, mas significar com fruto-palavra albergando sementes de liberdade: “À força de viver/ na vida entraste” (LIMA, 1987).

Como uma antecipação do conteúdo humano afetivo de Conceição Lima, deduzimos que ela “Submersa na verticalidade do seu horizonte, traz à tona o poema do milagre da vida” (MEDINA, 1987, p. 226).

Poema que é vida e se manifesta em constante resistência, porque, através da sua escrita, ele, o poema: milagre da vida, afirma a transitoriedade do momento social de suas ilhas, prisioneira das águas, o transitório do “espaço profanado pelo colonizador” (FERREIRA apud VIEIRA, 2007, p. 131), se redimensiona em labor longo e durável.

Visto que, tudo que é supérfluo na poesia santomense, se dissolve na leitura; no entanto, o duradouro se reduplica nas imagens sugestionadas nela, e, porque liberta espaço e homem da condição de colono, perdura no imaginário do leitor em nacos de monumentos – “[...] transitórias as pedras amargas desaguando/ sem licença no litoral da aurora, transitória/ a angústia das palavras” (LIMA, 1987).

Sua produção, instrumento sociológico que se estrutura no literário, reafirma teorias de que a obra é simulacro da vida, verossimilhança do vivido. E, com a autora em cotejo, o duradouro é colhido do social, das ruas e da história do seu lugar, funcionando assim, a poesia, como fragmentos de memórias.

A poesia brota como alimento-experiência do corpo social da mulher, gera substancial sabor e saberes de lugares de metáforas e imagens umedecidas do momento histórico, denunciando o social em consórcio com a natureza. “Emissário de rios esquecidos quem te ouve? / Oh, surdas são as ondas deste mar / suspenso / entre os teus dedos e o teu sonho” (LIMA, 1987).

Seu lado mulher aflora no texto, seu ser humano, semelhante à natureza, é cômico de quem viveu os dramas e as fraturas, com o olhar de quem conta para não esquecer os dramas vividos pelo humano e pela terra africana. “Pássaro de penas rotas e cintilantes / libertando na noite o tempo cativo / revolve as horas os magros celeiros / fustiga tremente o rosto dos meses / a cólera é teu argumento / o porvir teu fundamento” (LIMA, 1987).

A liberdade subliminar está implantada nestes versos de resistência que decalam os traumas resultantes do projeto colonial português. Uma poética marcada pelo enigma do exílio. Depurados os instantes sombrios da violência colonial, a poesia de Lima revela “[...] a escritura, como uma forja, (que) se tece pelo fogo de figurações alegóricas que iluminam não somente o sagrado africano, mas também certas sombras da história” (SECCO apud LEITE; BERGAMO; CANEDO, 2021, p. 317).

Por tais assertivas, afirmamos – a poesia de Lima assume o mundo colonizado demarcando sua voz isolada em sua terra natal, tentando rasurar a imagem da África como local de memória resultante dos conflitos geopolíticos, para escrevê-lo, inscrevê-lo, como espaço de “solidariedade histórica” (BARTHESE, 1999, p. 243), objetivando uma mudança de olhar mais sutil, típico do fazer literário que prima por borrar os limites entre história e literatura.

O fazer poético confirma, pois, a condição dos ser africano imantando a terra qual “[...] o barro da razão que te forjou / a substância pura que te ligou à vida” (LIMA (1987). Isto porque, sua voz, anteriormente silenciada, se prolonga em polifonia, reconhecendo seres, ocupando paisagens que se alimentam de deslocamentos, de fatos fictícios que constroem paisagens e espaços, na ágora do texto, domando o verbo para pô-lo à serviço da coletividade.

Um ato solidário e humano que, qual aquele que concebe o filho para servir ao mundo, a poesia de Lima serve o mundo ao filho em constante diálogo entre terra e vida. Pois, do útero da terra, homem e palavra proporcionam a dimensão do cruzamento de sentidos: “como do chão emerge o milho jovem” (LIMA, 1987).

Sua obra exige o reinvento das coisas, o aprendizado em diálogo com o logos, posto que, a dialética que pulsa na vida da práxis africana se reinventa na linguagem, humana e polivalente, de Conceição Lima, para depois, se ajustar ao molde de criação dialético.

As obras da autora, só para citar um dos muitos títulos, *No útero da casa* (2004), são a de quem busca a ambiguidade do texto para torná-lo denotativo, pois, os signos deles trazem sentidos dícticos, em consonância com sua experiência de vida, na

maternal experiência da mulher que, como o poeta, fecunda e é fecundada pelo labor do texto. Pois, “[...] é pela voz da mulher que a escrita poética se faz pele de um outro corpo, um corpo que pulsa e que emite seus próprios ruídos” (FONSECA, 2015, p. 111).

Supomos, pelo poder da hermenêutica social e histórica, que os ruídos grávidos de palavras, imersos na experiência sociológica, estão recheadas de imagens da terra; mas, sobretudo, do processo de germinação que sustenta e proporciona o alimento-palavra e a palavra-alimento colhida na lavoura do texto.

Tais imagens traduzem-se em pergaminho matricial de subsistência corporal, libertária e visceralmente engajada em apagar a “[...] fratura incurável entre um ser humano e um lugar natal, entre o eu e o seu verdadeiro lar” (SAID, 2003, p. 46), o exílio, como “[...] duas linhas indómitas a desbravar” (LIMA, 1987), o *locus* comum da criação, literária e humana.

Prefigurando o texto como único espaço seguro a albergar, porque cômico – o texto – das mortes que marcam a terra com cicatrizes como testemunhas: “Toma o ventre da terra / e planta no pedaço que te cabe / esta raiz enxertada de epitáfios” (LIMA, 2012, p. 52). Tanatos que, na dinâmica colonial, tudo destrói quando da coisificação do humano, mas que a poesia, pelo poder avassalador, a reedifica através da metáfora da liberdade vivificante de sonhos e representações, na engrenagem do social.

A escrita de Conceição Lima “[...] diz dessa memória herdada, a qual eterniza vestígios de “memórias subterrâneas” que transitam pela face e corpo (da palavra) [...] e ganham mais força quando os versos aludem a detalhes” (FONSECA, 2015, p. 32), do sempre retomado êxodo, errância, migração, deriva categorias que tornam possíveis as condições híbridas e heterogênea das condições sociais impostas na vida cotidiana.

Como concebido desde a metáfora seminal da partida: “Após o ardor da reconquista/ não caíram manás sobre os nossos campos” (LIMA, 1987). O texto prima, pois, pelo esteticismo denunciador, mas, principalmente, pelo lirismo enunciador que recupera, na poesia e no social, a identidade nacional africana em pleno conúbio com a natureza-nação.

Segunda concepção – no útero da poesia

Alguns textos dos livros – *No útero da casa* e *A dolorosa raiz do Micondó* e os fragmentos poéticos, tidos, há época, inéditos da obra *Mamana África* de Cremilda Medina nos servem de pórticos de entrada, às nossas incursões, no espaço dual sugestionado pela autora: casa e pátria, útero e nação, liberdade e consciência política.

Nessa dualidade metafórica, íntimo e privado, social e individual, local e internacional, a poética de Conceição Lima está vocacionada a fecundar o tema da liberdade e, indubitavelmente, o da identidade fragmentada ao longo de sua produção.

No limiar do texto, o sujeito poético se situa como estrangeiro, homem bipartido pela atrocidade colonial (duplo paradigma do sujeito colonizado: ser ele mesmo imantado no seu eu desejado); assim, a poesia gesta o ser segmentado em dois – o eu real e o imaginário em conúbio com a liberdade que se esmera em tornar visível os invisibilizados.

Isto porque o real se revela, em reflexo da poesia, na lide com os sujeitos de identidades reconstruídas no esbulho: “Quando eu não sabia que era quem sou/ Quando eu ainda não sabia que já era eu” (LIMA, 2012, p. 60). Destarte, a poesia, retorna à poiesis – revelando o estado embrionário da ação de fazer – de Conceição Lima.

Ela aborta o sentimento de apraxia do sujeito – herança colonial – e vivifica a reconstrução como patrimônio identitário visível, no fazer fazendo, através da mobilidade “flexível”, do ofuscamento das fronteiras, do deslocamento cultural, da f(é)sta corporalmente sonora e palpável, mas, principalmente, da fala do sujeito africano, “[...] para que a palavra amanheça e o sonho não se perca” (LIMA, 1987), posto que, a fala-poesia “[...] desafiou os regentes intuindo nação” (LIMA, 2012, p. 17).

Da leitura da obra de Lima, confirmamos que “[...] os maiores artistas são aqueles que conseguem recapturar e recriar a totalidade harmoniosa da vida humana” (EAGLETON, 2011, p. 56), capturado, no estilhaçado mundo africano.

Conceição Lima busca a “totalidade” do social pela fala ofuscada das mulheres, recaptura e recria imagens e metáforas sensorialmente inusitadas, ao delatar o colonialismo enraizado no solo africano, na pele da mulher, na alma das muitas crianças, resultado de outro esbulho que personifica a fragilidade do ser feminino.

Sua produção-ação fortalece, a resistência, em imagens gestacionais de identidade, de saber e cultura, pois – “Brotam como atalhos os rios / da minha fala” (LIMA, 2012, p. 13), porque verbalizam o aprendizado que fecunda ensinando e ensina fecundando em líquido revigorante.

A poesia feminina de resistência surge, assim, como um ato de transgressão, onde o exercício libertário é tão similar à escrita quanto os desejados na vida social. A transgressão literária herda os conceitos trazidos do político, no qual, a mulher-poetiza exerce um papel ativo e questionador.

A obra de Lima inverte os lugares do sujeito passivo que sofre as transgressões, para o sujeito ativo que desvenda as interdições gestadas no colonial. Desse modo, se a poética social de Conceição Lima se pauta na subjetividade, por outro ângulo, a objetividade revela os problemas e desafetos vividos pelo ser feminino africano, vítima de preconceito de toda ordem, inclusive da manifestação da palavra, oral e/ou escrita.

Submersa na neblina feminina, concebe o filho como poema. Ambos a serem alimentados, depois do preâmbulo da concepção, com vozes este último; e com metáforas o primeiro. Isto porque estamos diante de signos que se irmanam na conjuração do verbo: “transitória / a angústia das palavras ensanguentadas em tuas mãos” (LIMA, 1987) – verbo e concepção, nascimento e morte (qual sinédoque de liberdade, vida, escrita) estão impressos no excerto.

A poeta se compromete com uma produção que concebe a literatura como obra de gestação e, que, por isso, a apresenta como um produto do ser socialmente comprometido na concepção do humano, redesenhando os limites entre o poeta e o historiador dos fatos sociais.

Afirma, pois, ela que a gestação e a fecundação que se dão na vida social do homem, também ocorrem na vida do poeta. Dessa forma, podemos nos arriscar a afirmar que a produção artística de Conceição Lima está amparada nos signos da geração de vidas, quer sejam elas “imaginadas” no amplo espectro do social, quer sejam “concebidas”, metaforicamente, no da arte.

Tangenciados no extremo, sempre, por duas possibilidades que colocam o artista da palavra na inserção das relações de poder e, dentre elas, a literatura. Lima elabora seus textos “projetando uma imagem rica e multifacetada da completude humana” (EAGLETON, 2011, p. 57), confirmante da escolha ideológica ante o mundo transgressor e opressor do colono. Opressor que despoja corpo e sentimento femininos, tão nefastamente, quanto devasta o conjunto do corpo social, histórico e sentimental humano.

A sedução pela poesia, símile de vida que emerge da escrita, faz das duas, da sedução e da poesia, a totalidade indivisível do humano, na poética de Lima. Eis, pois, uma literatura obcecada pela força do prazer e da memória “[...] com metáforas que congelam a realidade mundana e projetam” (SCHLAFMAN, 1987, p. 71) acontecimentos,

“o padrão a ser erguido” (LIMA, 1987), edificando moradas no alicerce do texto – “puros reabitaremos o poema e a clareza” (LIMA, 1987).

Almejando viver e morar, escrever e publicar – elipse constante do ser africano pós independência – está como emblema do excerto anterior: epigrama de liberdade, uma imagem de concepção primacial, a pintura do desejo do livre em letras/cores de ancestralidade, como memória ativa da sociedade santomense.

Revela, portanto, a arte poética africana, um sujeito vilipendiado, mutilado, incompleto e inimigo de si próprio, porque perdeu a sua antiga harmonia para o sistema colonial. Mas, que, cerzido pelo poder da palavra, estabelecerá contrastes com o ser que, acondicionado no útero do texto, se apresenta umbilicalmente religado à consciência da vida.

Ciente de sua condição, eles, texto e humano, atravessam fronteiras outras “libertando na noite o tempo cativo” (LIMA, 1987), prenhe de dois seres. Um – “lavrador teimoso de um tempo sem pomar” – alimenta-se do líquido revigorante, a leitura do social; o outro – “Na dura travessia do deserto” protege-se, com as linhas do texto, contra a fratura total.

Revela, pois, a matéria de palavras, seres mutilados pelo devir político, mas costurados ao labor do artístico-social: portador de significados diversos. Conceição esmera o rebento como palavra, e lava-o com a individualidade da consciência feminina que espalha sementes, fazendo brotar a antítese do político-social como síntese do social-político.

Lima desarticula os ditames da servidão colonial e, com a poesia como semente do humano, esparge-a no solo sagrado da África em segurança de imagens – “[...] inserindo os sujeitos históricos no conjunto das relações de poder” (SECCO, 2010, p. 51).

Noutro contexto, tomando de empréstimo as palavras de Silvio Renato, afirmamos que, “[...] problematizando a palavra e seu uso, os textos de (Conceição Lima) parecem arrancar à pátria e à língua o seu caráter supostamente natural, fugindo à ortodoxia e apontando a escrita, a vulnerável escrita, como lar a partir do qual é possível surpreender novos sentidos” (RENATO apud DELGADO, 2006, p. 135).

Puro exercício poético, a prática literária de Lima que, à força de escrever criou a escrita uterina grávida de sonhos que a põe à serviço do leitor. Uma escrita marcada pela existência viva do *modus operandi* da concepção: sedução, respeito, solidariedade.

Depurando sua mundividência, gesta o fruto do desvio – desde o étimo de *se - ducere* –, operando uma mudança radical do conceber literário e humano. A

solidariedade transmigra do desejado para o realizado, rompendo a geografia dos sentidos, marcada pelos traumas das guerras e promessas intervalares; assim, o seu texto-exercício compromete-se, como vetor de respeito, que, como criação substancial, “rasurando os limites entre literatura e história”, fecunda a vida.

A mulher-poeta, Conceição, em estado de puerpera criativa, assume o rebento-poesia, ocupando os espaços e os silêncios com gritos e açoites de quem divide, incontestemente, o filho que emerge do canto, como aprendizado do fazer festivo que recupera “[...] a transparência do tempo inicial” (LIMA, 1987), com postulados estéticos que revigoram, ante a estética do parto, a serenidade vivificante qual a concepção dolorosa, extasiada, ante a realidade suprema que simboliza a renovação constante da vida.

Numa dinâmica agressiva das imagens, a impetuosidade da palavra dá o dinamismo da ação verbal que se conjuga, na poesia de Conceição Lima, em estado sinestésico de engenhosidade dos saberes africanos, com sintagmas de proteção, mapeando significações metafóricas mínimas: “Tuas mãos tingem já de púrpura a noite/ o crepúsculo é o instante supremo da claridade” (LIMA, 1987).

Uma escrita marcada pela dura travessia das palavras; uma práxis que dialoga entre o ficcional e o real histórico sem pretensões de ensinar, mas vincando, no solo africano e no corpo da mulher, experiências como força propiciadoras de transformação, destruindo os muros dos edifícios prisionais do projeto colonial português, porque ela afirma – “puros reabitaremos o poema e a claridade” (LIMA, 1987).

Eis portanto, a delação do desvio: o poema – único lugar seguro à concepção poética e humana – se apresenta como retorno à ideia de “pátria mãe” preconiza uma volta não apenas a um território originário, geográfico, mas, sobretudo, a uma matriz cultural originária, constituída sobre um princípio de unidade e imutabilidade (BERND, 2010).

Destarte, a palavra impressa (no tecido social feminino) é a mesma tatuada no tecido da escrita que a expõe como cicatriz, porque a poetiza “[...] assume a criação do mundo que escolheu habitar” (ELIADE, 2001, p. 49), o da poesia uterina de permanência.

Terceira concepção – iluminuras sedutivas

Os fragmentos poéticos de Conceição Lima, da obra *Sonha mamana África*, de Cremilda de Araújo Medina (1987, p. 227-228)² – nos servem para demonstrar questões que foram elencadas e apontadas nos tópicos anteriores.

Vale a ressalva para lembrarmos que, sem títulos, os poemas deixam muitas veredas abertas; a escolha de criação sem o nome que o enuncia, sem uma direção, sem um roteiro de bordo, ao elenco da série de criações, torna o poema mais plural, mais incrustado ao corpo da obra e do social.

Isto porque, ela está, obsessivamente, concatenada ao todo do texto, desconectando o nome – título – ao sujeito: obra. Ainda que, o título soe “[...] como significado de unidade de sentido” (KAYSER, 1963, p. 11).

A poética de Lima, ao excluir o título dos fragmentos poéticos em estudo, proporciona uma ruptura do convencional, pois, como aduz Coelho (1986, p. 82), “[...] a verdadeira poesia sempre resultou de uma quebra na maneira convencional de ver o mundo. Foi sempre a revelação de algo inesperado numa coisa, ser ou fenômeno já conhecido”.

Deste modo, na negação do título o poeta “[...] assume uma dimensão e significação não encontrada antes” (COELHO, 1986, p. 83), posto que, o literário proporciona, através do diálogo metalinguístico e social, dizer que, o escritor africano

² Fragmentos poéticos de Conceição Lima (MEDINA, 1987, p. 227-228): Após o ardor da reconquista/ não caíram manás sobre os nossos campos//E na dura travessia do deserto/ aprendemos que a terra prometida era aqui. // Ainda aqui e sempre aqui. / Duas linhas indómitas a desbravar./ O padrão a ser erguido/ pela nudez insepulta dos nossos punhos. // Emergiremos do canto/ como do chão emerge o milho jovem/ e nós, inteiros recuperaremos/ a transparência do tempo inicial/ Puros reabitaremos o poema e a claridade/ para que a palavra amanheça e o sonho não se perca. I Transitório é este tempo que te divide/ sem o saberes/ transitórias as águas, os tambores quebrados/ transitória a noite que à noite sucede/ sem te veres// Transitória a pálida bruma a/ ocultar-te de ti/ transitório o silêncio ocupando espaços/ além da tua boca/ transitórias as pedras amargas desaguando/ sem licença no litoral da aurora, transitória/ a angústia das palavras ensanguentadas em tuas mãos/ Obstinado peregrino quem te acompanha além de ti?/ Emissário de rios esquecidos quem te ouve?/ Oh, surdas são as ondas deste mar/ suspenso/ entre os teus dedos e o teu sonho/ II Mas quem és sobre as horas caminhando?/ Quem és lançando fúrias no deserto?/ Que és sobre a morte morrendo?/ Sobre a morte erguendo quem és?/ III Pássaro de penas rotas e cintilantes/ libertando na noite o tempo cativo/ revolve as horas os magros celeiros/ fustigas tremente o rosto dos meses/ a cólera é teu argumento/ o porvir teu fundamento/ À força de viver/ na vida entraste/ à força de sonhar criaste o sonho/ tu és a voz do próprio sonho/ lavrador teimoso de um tempo sem pomar// (...) Moldar os dias dos frutos maduros/ este é teu projecto iniciado e longo/ o barro da razão que te forjou/ a substância pura que te ligou à vida/ quando aprendeste os segredos da noite/ e penetraste as trevas como espada fulgurante// Tuas mãos tingem já de púrpura a noite/ o crepúsculo é o instante supremo da claridade// Quem fará recuar o tempo anunciado/ por tambores e águas/ noite a noite sem cessar?

e o sujeito africano se inscrevem no que produzem, “[...] pois na simetria das coisas enterram a luz das ideias” (LIMA, 2012, p. 48).

A poesia de Lima é daquelas que iluminam e seduzem porque são “fruteiras em permanente parto de gordos frutos” (LIMA, 2012, p. 57).

A palavra casa, como útero do lar, privado, serve, no poema de Conceição, como símbolo consciente que desperta tensões sociais ao que é da coletividade, a Cidade, espaço público, mas que se apresenta como um grande cemitério, suas inamovíveis heranças de colonizados.

Tais tensões são invocadas ao labirinto da linguagem com a força da ancestralidade que recupera, pela imagem do útero, o aconchego primeiro, o *locus* seguro da gestação, que, por isso, se associa à casa maternal e umbilicalmente ligada à terra. “A casa crescia com pernas de pedra” (LIMA, 2012, p. 64), e mais ainda, a evocação é mais marcante porque exala o retorno – “Reabitaremos a casa, nossa intacta morada” (LIMA, 2012, p. 68).

O útero, habitat inicial do homem, é circunferencialmente recuperado como matéria-prima de lembranças coletivas que hibernam nos poemas como memórias. O poeta incursiona o seu périplo nas profundezas do inconsciente, para, através do metafórico corpo da linguagem, recepcionar o homem ante as dores do parto, antecipadas, pelo esperpento colonial: “O enigma é outro – aqui não moram deuses / Homens apenas e o mar, inamovível herança” (LIMA, 2012, p. 53).

Casa e útero, consciente e inconsciente, fecundam as entranhas da poesia da autora, objetivando a recriação da pátria retalhada que se restaura nos signos da criação no *Arquipélago* poesia. Posto assim, a concepção, maternal e literária, útero e casa, ilhado e litorâneo, possibilitam recompor a identidade social africana que, abortada pelo político, agora viceja no cultural.

A poeta grávida pela sedução primária do coletivo: terra e nação e, pelo privado: útero e casa, transforma seu texto em lugar de afeto, recolhendo lembranças, vasculhas os espaços ao cível da palavra poética, desvelando atrocidades deixadas pela história, para, finalmente, tornar monumento o instante cósmico vivido: “O padrão a ser erguido / pela nudez insepulta dos nossos sonhos” (LIMA, 1987).

As energias vitais – consciente e inconsciente – expostas à ideia fragmentada de nação, por intermédio de signos da habitabilidade, porque consciente, remetem à imagem da casa: espaço geográfico do individual e, porque uterino, restauram o

inconsciente do instante anterior à conjuração carnal, onde o socializado se solidariza às simbólicas vontades do livre.

Constroem assim, o deleite corpóreo e o prazer libertário, imagens do homem em sua autêntica liberdade coletiva. “[...] e nós (sic), inteiros recuperaremos / a transparência do tempo inicial” (LIMA, 1987).

Os textos da autora africana, nos amparam tal qual a citação da pesquisadora brasileira que sustenta a definição do ser poeta – “No íntimo, o domínio da poesia, a forma de intuir a Vida” (MEDINA, 1987, p. 351).

Intuir e constituir a vida que se solda às imagens do maternal que, como um ato de concepção, aloja em suas entranhas a dor do conceber e o ardor de exceder-se nas linhas do social, em equilíbrio da palavra, com imagens prenhes do signo feminino. Posto que: “As mulheres compõem / por sobre a paisagem / um estranho contorno / de tonalidade” (SANT’ANNA apud SAÚTE; SOPA, 1992, p. 28).

Nos desígnios que se desvelam na “encruzilhada secular” entre raças e culturas, o texto poético levita, lentamente, à busca das origens; estas emergem do longo caudal mnemônico, deixado pelos rastros das guerras³.

Guerras que a poética de Lima solicita como volta às harmônicas cosmovisões do “tempo inicial”, ou seja, busca recuperar, a práxis poética, o instante da usurpação geográfica e humana e o do ultraje linguístico e cultural, para espargir verdades como imanência de “[...] um processo histórico que urge problematizar para compreender” (SAÚTE, 1992, p. 9).

Por isso, a produção de Lima, “escrileitura”, proporciona o mundo visível, pela invisibilidade do histórico revelado pela criação do poeta com sua própria história e engenhosidade de criação, concepção e advertência engravidadas no afeto e no tratamento da palavra poesia.

Ela, no sentido da lírica, pois vidência do mundo, alberga a imagem matricial do útero, a qual revela os tons do mosaico cultural que compõem a paisagem geográfico-social africana. Os textos, forjados neste caudal cultural, concedem ao leitor, uma

³ De 1961 a 1975, ano da independência de Moçambique, a produção poética se teceu nessa clave revolucionária; a poesia se fez “necessária”, arma de politização do povo. Nos anos seguintes os poetas continuaram a cantar a vitória e a liberdade recém-conquistada. (Símile ideia pode, ressalvadas as proporções, ser estendida à São Tomé e Príncipe). Essa euforia, entretanto, durou pouco, pois o governo livre, composto pelos quadros da FRELIMO, logo após 25 de junho, começou a ser desestabilizado pela RENAMO, partido de oposição, que, insuflado pela África do Sul, partiu para guerrilhas, ocasionando uma guerra civil que durou dezessete anos (1975 a 1992) (SECCO apud DOPCKE, 1998, p. 221).

dimensão ontológica do ser social no qual “[...] aflora um mundo obnubilado da vida quotidiana” (SAÚTE; SOPA, 1992, p. 11).

Conclusão

Analizamos uma poética que ressoa vozes de resistências, denunciando a “cidadania dilacerada” (SANTOS, 2002), clamando por sociabilidade e trânsito de culturas femininas de caráter nacional e popular na escrita de Conceição Lima.

Nossa investigação revelou categorias do campo político, do direito, sociológico, histórico e literário que dão a dimensão da resistência da mulher africana sobrevivente das catástrofes do capital (guerras coloniais e internas, diásporas, mobilidade cultural, errância), no palimpsesto herdado de uma cultural colonial que vilipendiou sua condição social e a fez criar estratégias de confrontos e legitimações, através do literário.

O poeta africano faz do texto sua persistência de homem que não se deixa estagnar, andrajo sempre à busca do centro. E isto porque, concordando com Ferreira (1987), o poeta são-tomense foi aquele que primeiro chamou a si a expressão da negritude, deste modo, “[...] o poeta liberto dos mitos da inferioridade social, identifica-se com o destino do homem negro e o repõe no quadro que lhe cabe da sabedoria universal” (FERREIRA, 1987, p. 91).

A análise do texto – *Decolonialidade em Conceição Lima: poesia de resistência africana de expressão portuguesa* – revelou a geografia da escrita, doando mapas inusitados do processo de colonização; donde o texto literário (em superação) se transforma em elemento sagrado do humano e do humano sacralizado no grafo, assumindo o valor simbólico da criação, desta vez, em vozes ressoantes da coletividade africana feminina, por evocar liberdades – escrita e de concepção.

Finalizamos dizendo que, o metafórico, o inusitado e o imprevisto estão na arma de combate, de Conceição Lima, ressoando no tilintar das palavras, que, nas travessias, sua e do verbo, albergam o conhecimento ancestral como parceiro de viagens.

Portanto, em Lima, “[...] o universo que se vai desenhando a nossos olhos é marcado pela existência de uma disponibilidade real e intensa para a sobrevivência, torneando a barreira da humilhação” (FERREIRA apud VIEIRA, 2007, p. 121), através do único instrumento possível ao escritor, sob a ótica de uma necessidade interna, provocada por razões sociais, a poesia.

Referências

- ANDRADE, M. de. **Antologia temática da poesia africana**. Na noite grávida de punhais. Lisboa: Sá da Costa, 1975.
- BARTHES, R. O rumor da língua. São Paulo: Brasiliense, 1988.
- BERND, Z. **Dicionário das mobilidades culturais**: percursos americanos. Porto Alegre: Literalis, 2010.
- CHIZIANE, P. **Ventos do apocalipse**. Lisboa: Caminho, 1999.
- COELHO, N. N. **Literatura & Linguagem** – introdução aos estudos literários. Edições Quíron, 1986.
- DELGADO, I. G. **Vozes (além) da África**: tópicos sobre identidade negra, literatura e história africana. Juiz de Fora: UFRJ, 2006.
- DOPCKE, W. **Crises e reconstruções** – estudos afro-brasileiros, africanos e asiáticos. Brasília: Linha Gráfica, 1998.
- EAGLETON, T. **Marxismo e crítica literária**. São Paulo: Editora Unesp, 2011
- ELIADE, M. **Mito e realidade**. São Paulo: Perspectiva, 1972.
- FERREIRA, M. **Literaturas africanas de expressão portuguesa**. São Paulo: Editora Ática, 1987.
- FONSECA, M. N. S. **Literaturas africanas de língua portuguesa** – mobilidades e trânsitos diaspóricos. Belo Horizonte: Nadyala, 2015.
- KAYSER, W. **Análise e interpretação da obra literária** – introdução à ciência da literatura. Coimbra: Editor Arménio Amado, 1968.
- LEITE, A. M.; BERGAMO, E. A.; CANEDO, R. **A permanência do Romance histórico** – literatura, cultura e sociedade. São Paulo: Intermeios, 2021.
- LIMA, C. **A dolorosa raiz do Micondó**. São Paulo: Geração Editorial, 2012.
- MEDINA, C. de A. **Sonha mamana África**. São Paulo: Edições Epopeia, 1987.
- RICCIARDI, G. **Sociologia da Literatura**. Lisboa: Men Martin e Europa América, 1971.
- SAID, E. W. **Reflexões sobre o exílio e outros ensaios**. São Paulo: Cia das Letras, 2003.
- SANTOS, J. V. T. dos. **Microfísica da violência, uma questão mundial**. São Paulo: Ciência e Cultura, 2002.
- SAÚTE, N.; SOPA, A. **A ilha de Moçambique pela voz dos poetas**. Lisboa: Edições 70, 1992.
- SCHLAFMAN, L. **A verdade e a mentira** – novos caminhos para a literatura. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 1998.
- SECCO, C. L. **África escritas literárias**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ; Angola: UEA, 2010.
- VIEIRA, J. L. **A cidade e a infância**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.